ISSN: 2230-9926

Available online at http://www.journalijdr.com

IJDR

International Journal of Development Research
Vol. 16, Issue, 05, pp. 70450-70459, May, 2026
https://doi.org/10.37118/ijdr.30878.05.2026



RESEARCH ARTICLE OPEN ACCESS

EXPRESSÃO CULTURAL BAIANA: DIVERSIDADE DAS FESTAS POPULARES DE SALVADOR DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS

Maikom Joaquim Barbosa Ecard da Silva[1], Thalyta Botelho Monteiro[2], Renan Freitas de Almeida[3],José de Mello Sobreira Filho[4], Lorena Ferrari Secchin[5], Welerson Machado da Silva[6],João Paulo Martins Barcelos[7], Marcos Lourenço da Silva Zanotelli[8] e Alexrenan Ribeiro Oliveira[9]

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo e Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo

ARTICLE INFO

Article History:
Received 14th February, 2026
Received in revised form
26th March, 2026
Accepted 11th April, 2026
Published online 25th May, 2026

Key Words:
Patrimônio Imaterial, Festas de Largo, Baianidade, Cultura Baiana.

Corresponding author:
Maikom Joaquim Barbosa Ecard da Silva

ABSTRACT

Este estudo examina a cultura baiana, amplamente reconhecida por seu sincretismo e riqueza expressiva, destacando as festas populares - especialmente as Festas do Largo - como pilares fundamentais de sua identidade. A motivação para esta pesquisa reside no entendimento de que a cultura baiana representa um dos patrimônios culturais mais vibrantes e diversos do Brasil, caracterizada por uma ampla gama de manifestações populares que entrelaçam elementos do sagrado e do profano, configurando, assim, uma identidade cultural singular. Nesse contexto, o artigo busca responder à seguinte questão: "O que é que a Bahia tem, que tanto encanta o Brasil e o mundo por meio de sua cultura e festas populares?" O objetivo central é compreender, por meio de uma revisão bibliográfica narrativa, a relevância das manifestações culturais no fortalecimento da baianidade. A pesquisa fundamenta-se na análise de produções acadêmicas e registros culturais disponíveis em plataformas como SciELO, Google Acadêmico, BDTD e CAPES, com foco na relação entre cultura, turismo e patrimônio imaterial. Os resultados indicam que o ciclo de festas de verão, marcado pela fusão entre dimensões sagradas e profanas, desempenha um papel significativo no fortalecimento da economia criativa e na consolidação dos vínculos comunitários. Além disso, o estudo destaca o papel essencial tanto dos pesquisadores quanto das comunidades locais na preservação e transmissão da identidade cultural ao longo das gerações. Concluiu-se que, apesar das tentativas de padronização da imagem da Bahia para fins turísticos, o povo baiano resiste ativamente a esse processo por meio da criatividade, da ancestralidade e de sua força simbólica. Essa resistência reafirma o valor das tradições populares como elementos dinâmicos na construção contínua de uma cultura viva e em constante transformação.

Copyright©2026, Maikom Joaquim Barbosa Ecard da Silva et al. *This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.*

Citation: Maikom Joaquim Barbosa Ecard da Silva, Thalyta Botelho Monteiro, Renan Freitas de Almeida, José de Mello Sobreira Filho, Lorena Ferrari Secchin, Welerson Machado da Silva, João Paulo Martins Barcelos, Marcos Lourenço da Silva Zanotelli e Alexrenan Ribeiro Oliveira, 2026. "Expressão cultural Baiana: Diversidade das festas populares De salvador da bahia de Todos os Santos". *International Journal of Development Research*, 16, (05), 70450-70459.

INTRODUCTION

A cultura baiana constitui um dos mais ricos e expressivos patrimônios culturais do Brasil, marcada por uma diversidade de manifestações populares que entrelaçam o sagrado e o profano, conferindo-lhe uma identidade única. As festas populares, em especial as Festas do Largo, desempenham um papel essencial na dinâmica social e econômica da região de Salvador, evidenciando a intersecção entre cultura e turismo. Nesse contexto, a baianidade se reafirma como um elemento central da identidade coletiva, refletindo valores, crenças e tradições transmitidas ao longo das gerações (Davel; Dantas, 2019; Nova; Fernandes, 2024).

O ciclo das festas de verão, amplamente conhecido por sua efervescência cultural, não apenas atrai milhares de visitantes, mas também impulsiona a economia criativa e fortalece o sentimentode pertencimento entre os baianos. A interação entre os aspectos religiosos e profanos nessas celebrações revela uma riqueza simbólica singular, onde a devoção a santos católicos se mescla a elementos das religiões de matriz africana, criando uma atmosfera de sincretismo que é característica da cultura local (Cabral; Krane; Dantas, 2013; Reis, 2023; Almeida Filho; Davel, 2024). Nesse contexto, destaca-se o papel do povo baiano, como grande difusor da cultura e da baianidade, bem como dos pesquisadores, como agentes contínuos e ativos na preservação e promoção da cultura baiana, no empenho em fortalecer a valorização das manifestações culturais, incentivando a pesquisa, a educação patrimonial e a formação cidadã. Diante da

relevância dessas manifestações, este estudo busca responder a seguinte questão: O que é que a Bahia tem, que tanto encanta o Brasil e o mundo através de sua cultura e festas populares?

Dessa maneira, o presente estudo busca compreender através de uma revisão de literatura, a importância das festas populares e da baianidade no contexto cultural da Bahia, enfatizando a relação entre o sagrado e o profano, bem como a interdependência entre cultura e turismo. Além disso, objetiva-se evidenciar a contribuição de pesquisadores e demais atores nesse cenário, demonstrando como suas ações colaboram para a perpetuação e difusão da identidade cultural baiana. Dito isso, este estudo se justifica pela necessidade de reforçar o entendimento da cultura como elemento essencial para a formação social e educacional, garantindo que as tradições culturais sigam vivas e acessíveis às futuras gerações, especialmente as Festas do Largo em Salvador, que muito contribuem com seu histórico-social, enriquecendo a cultura brasileira.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, cuja estratégia metodológica adotada foi a revisão bibliográfica narrativa, voltada à análise interpretativa de documentos e produções acadêmicas relacionados à cultura e às tradições baianas. As fontes de pesquisa incluíram publicações disponibilizadas em sites institucionais e governamentais e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), por fornecerem conteúdos relevantes acerca de festas populares, manifestações culturais e ações de preservação do patrimônio imaterial baiano. Complementarmente, foram consultados trabalhos acadêmicos indexados em bases científicas como a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), o Portal de Periódicos da CAPES, o Google Acadêmico e a plataforma SciELO. Tais fontes permitiram o levantamento de referenciais teóricos e evidências empíricas essenciais para a análise da temática proposta. A coleta de dados foi guiada por descritores previamente definidos, a saber: Patrimônio Imaterial, Festas do Largo, Baianidade e Cultura Baiana. A seleção inicial resultou em 32 trabalhos, identificados por meio da leitura dos títulos e resumos, conforme critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos. Na etapa aseguinte, procedeu-se à leitura exploratória e analítica dos textos completos, o que resultou na retenção de 23 estudos considerados pertinentes ao escopo da pesquisa. A análise dos materiais selecionados seguiu as etapas da leitura exploratória**,** seletiva, analítica e interpretativa, com o propósito de estabelecer uma base conceitual sólida e desenvolver uma discussão crítica acerca da valorização e da difusão da cultura baiana. Esse percurso metodológico possibilitou evidenciar as contribuições institucionais no campo da memória e do patrimônio cultural, articulando teoria e prática em um contexto educativo e sociocultural.

AS FESTAS POPULARES DE SALVADOR: DAS RAÍZES HISTÓRICAS À MODERNIDADE CONTEMPORÂNEA

Fundada em 1549 como "São Salvador da Bahia de Todos os Santos", Salvador foi a primeira capital do Brasil e se consolidou como um importante centro econômico e turístico. Ao longo dos séculos, modernizou-se sem perder suas características históricas e culturais. Esse processo teve um marco entre 1912-1916 e 1920-1924, com o governo de José Joaquim Seabra, que impulsionou transformações urbanas inspiradas no modelo europeu (Maia & Chao, 2016). As transformações urbanísticas também levaram à segregação socioespacial, com o deslocamento da população mais abastada para novos bairros e a consequente desvalorização do centro histórico, notadamente do Pelourinho. Esse bairro, que desde o período colonial abrigava elites econômicas, tornou-se um espaço marginalizado até o final da década de 1980, transformando-se em palco de prostituição, comércio de drogas e, consequentemente, propício à violência. No entanto, como parte integrante do Centro Histórico de Salvador, foi reconhecido como Patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO, em 1985. A partir de 1990, passou por um processo de revitalização que o transformou em um polo cultural e turístico, contribuindo para a grandiosidade das festas populares de Salvador (Maia & Chao, 2016; IPHAN, 2025).Essas festividades são marcadas pela reconstrução simbólica da identidade histórico-cultural da cidade. Expressam a força das raízes africanas, reflexo da presença de escravizados trazidos da África, cuja influência persiste em cidades como Salvador e Santo Amaro da Purificação (Farias, 2011). Mais do que celebrações, as festas populares representam patrimônio imaterial da humanidade, fortalecendo laços comunitários e impulsionando o turismo e o desenvolvimento local (Davel& Dantas, 2019).

No cenário contemporâneo, as manifestações culturais são vistas como estratégias econômicas, atraindo investimentos e interesse governamental para sua preservação e promoção. A dinâmica dessas celebrações transcende limites locais, sendo elemento central das políticas de turismo (Davel& Dantas, 2019). Estudos da Sociologia, Antropologia e Literatura apontam que as festas populares, além de sua dimensão lúdica, contribuem para a formação cidadã, estimulando a reflexão sobre identidade e pertencimento (Souza *et al*., 2022).

A verdade é que as festas populares na Bahia são diversas, antigas e plurais. Salvador, em particular, destaca-se por seu intenso calendário festivo, iniciado no período colonial e marcado pela fusão entre o sagrado e o profano. Desde 1763, quando o Rio de Janeiro se tornou capital do Brasil, a cidade combinava economia, trabalho e celebração. Nessa época, os festejos já movimentavam a economia local. Atualmente, o ciclo de festas de largo é um dos mais importantes e se inicia em dezembro, com a Festa de Santa Bárbara (Iansã no Candomblé), seguida pela Festa da Conceição da Praia (Oxum), Festa do Bonfim (Oxalá) e a Festa de Iemanjá, culminando no Carnaval, sua expressão máxima. Essas celebrações são marcadas pelo sincretismo religioso e pela interação entre tradição e modernidade (Davel&; Dantas, 2019).

> *Pois bem, as origens podem ter sido inspiradas nas tradições lusas, as primeiras trocas culturais podem ter sido com os indígenas, mas o transbordamento da festa brasileira se dá, sem nenhuma dúvida, pela chegada dos africanos, especialmente a partir do século XVII. Durante os quase quatro séculos de regime escravista, a presença africana, especialmente pelo aporte simbólico dos bantos e iorubás, transformou radicalmente o panorama festivo soteropolitano. Os batuques, cantos, danças e rituais que trouxeram consigo na travessia forçosa a que foram submetidos, garantiu às procissões e demais festividades que já aconteciam aqui uma dimensão cultural ainda mais heterogênea* (Fantinel, 2019, p.193).

Embora algumas festas tenham perdido relevância, outras continuam a mobilizar grandes multidões. A dinâmica dessas manifestações revela a natureza viva da cultura popular, constantemente recriada e ressignificada ao longo do tempo (Miguez, 2012). A noção de patrimônio cultural não se restringe à preservação estática, mas à recriação de significados, conforme diferentes contextos e percepções históricas (Verger, 1999; Almeida Filho &Davel, 2024). Dessa forma, as festas populares de Salvador não são apenas expressões culturais, mas também motores econômicos e sociais. Elas impulsionam setores como transporte, comércio, hotelaria, gastronomia e artesanato, gerando empregos e distribuindo renda de maneira mais horizontalizada do que outros eventos (Miguez, 2012). Mais do que celebrações, são manifestações de identidade, história e pertencimento, consolidando Salvador como um dos principais palcos da cultura brasileira.

CULTURA, TURISMO E FÉ: ENTRE O SAGRADO E O PROFANO NA CAPITAL BAIANA

Um dos componentes fundamentais da cultura é a religião. O turismo religioso, por sua vez, está intrinsecamente relacionado ao turismo cultural, uma vez que compartilha características como história, fé,

romarias, peregrinações, rituais e celebrações. Embora essas formas de turismo possuam objetivos distintos, na Bahia elas frequentemente se interligam, sobretudo nos espaços onde ocorrem eventos religiosos. Nessas ocasiões, a participação popular se destaca tanto pela expressão da fé (sagrado) quanto pelo divertimento (profano), como ocorre nas festas populares. O turismo religioso encontra significativa expressão nas festas populares, dado o sincretismo entre diferentes crenças que atraem fiéis e turistas. No Brasil, e especialmente na Bahia, essas celebrações possuem imensa relevância cultural. O universo festivo é vasto e complexo, tornando sua conceituação um processo contínuo. Cada festa apresenta características próprias e, ao mesmo tempo, compartilha elementos comuns, independentemente do local onde se realiza (Reis, 2023). Segundo Serpa (2004), os tempos de reza e de festa são construções socioculturais que unem o sagrado e o profano. Inicialmente, essas manifestações eram conduzidas pela Igreja, mas com o tempo, passaram a ser reguladas pelo Estado, refletindo sua inserção na sociedade. A religiosidade e a festividade estão, portanto, interligadas, estruturando grande parte das manifestações culturais nos bairros populares de Salvador.

Além do catolicismo popular, as tradições afro-brasileiras desempenham papel fundamental na formação dessas expressões culturais.As Festas de Largo destacam-se pela expressão singular do sincretismo religioso em Salvador. O conceito de sincretismo envolve a interação entre duas culturas, resultando em influências. Essas festas ocorrem em homenagem a santos católicos e seus orixás correspondentes no candomblé, mobilizando católicos, adeptos do candomblé e uma ampla parcela da população que transita entre essas crenças sem conflitos identitários. A crescente influência dos negros, com sua riqueza musical e na dança, contribuiu para a presença cada vez maior de elementos profanos nos eventos religiosos. No período colonial, a Igreja tentou coibir tais manifestações, como evidenciado pela proibição de danças e folias em igrejas, no ano de 1707. No entanto, essas restrições nunca foram efetivamente implementadas, permitindo a continuidade do sincretismo religioso (Davel& Dantas, 2019). Na Bahia, a ancestralidade negra se preserva por meio de organizações culturais que garantem a transmissão das tradições africanas. Essa herança se manifesta no canto, na música, na vestimenta, nos símbolos sagrados e nas práticas religiosas (Siqueira, 1989). As manifestações populares reúnem diferentes grupos étnicos em um processo de integração singular, apesar das desigualdades sociais. Nas festas dedicadas aos santos católicos, observa-se essa convivência, em que há louvor aos santos, reverência aos orixás e a reprodução de ritmos herdados dos ancestrais africanos. O Carnaval, que encerra o ciclo das Festas de Largo, simboliza essa interação ao reunir milhões de pessoas em celebração coletiva, desafiando barreiras sociais, econômicas e religiosas (Davel & Dantas, 2019).

A organização dessas festas divide-se entre diferentes representações religiosas. Enquanto a comunidade católica estrutura missas, procissões e rituais, os terreiros de candomblé organizam celebrações externas com seus cânticos e rituais.Essa coexistência também se expressa na participação conjunta em eventos litúrgicos, como missas e procissões (Davel & Dantas, 2019). Assim, a questão do sincretismo nas festas baianas continua sendo objeto de debate entre clérigos, líderes do candomblé e intelectuais. Embora elementos católicos e afro-brasileiros coexistam nas mesmas festividades, os ritos se mantêm distintos (Verger, 1999; Sá, 2007). As Festas de Largo, portanto, envolvem diferentes interpretações, refletindo a diversidade de crenças entre os participantes. Para alguns, trata-se de um evento estritamente católico; para outros, há uma sobreposição entre catolicismo e candomblé; enquanto há aqueles que participam apenas pelo entretenimento, sem qualquer envolvimento religioso. Dessa forma, não se pode compreender as Festas de Largo apenas sob a ótica católica, pois o sincretismo é um elemento essencial dessas manifestações. Na Bahia, essas festividades são vivenciadas e interpretadas de diferentes maneiras, de acordo com as crenças e valores de seus participantes (Sá, 2007). A construção da identidade baiana a partir dessas manifestações culturais influenciou políticas públicas voltadas à promoção da "baianidade", as quais buscaram agregar valor à produtividade cultural. Nos anos 1980, os investimentos em publicidade enfatizaram elementos como Axé Music, religiões afro-brasileiras, gastronomia, capoeira, festas populares e o Carnaval, consolidando essas manifestações como estratégias turísticas e de construção identitária daquela região (Reis, 2023).

O SINCRETISMO RELIGIOSO AFRO-CATÓLICO NO CALENDÁRIO DE VERÃO FESTIVO SOTEROPOLITANO

A Celebração de Santa Bárbara:A história de Santa Bárbara remonta ao século III d.C., na região da Nicomédia, atual Turquia e a sua devoção está entre as mais antigas manifestações religiosas populares de Salvador. Introduzida na cidade no século XVII, essa celebração dedicada à santa protetora contra raios e tempestades atraiu muitos seguidores ao longo do tempo e incorporou elementos da cultura afro-brasileira. No dia quatro de dezembro, a festa oficial acontece no Pelourinho, reunindo milhares de devotos que se vestem de vermelho e branco para homenagear a chamada “Bárbara guerreira” (Santos, 2019). Historicamente, o catolicismo teve início no Brasil com a chegada dos colonizadores portugueses, que difundiram a devoção aos santos. O culto a Santa Bárbara na Bahia surgiu a partir da aquisição de um imóvel por Francisco Pereira Lago e Andreza Araújo, um casal português. Esse espaço, situado na Cidade Baixa de Salvador, foi transformado em um complexo comercial e recebeu o nome de Morgado de Santa Bárbara, em razão da capela com a imagem da santa erguida no local (Santos, 2019; Reis, 2023). Com o tempo, Santa Bárbara passou a ser reconhecida também como “Senhora dos Mercados", pois o Morgado, além de sua função religiosa, desempenhava um papel essencial no abastecimento da cidade. Por sua localização estratégica, era frequentado também por africanos e crioulos, o que favoreceu a interação entre diferentes tradições culturais e religiosas (Santos, 2019).



Figura 1. Celebração em homenagem à Santa Bárbara:https://www.ibahia.com/salvador/confira-a-programacao-completa-da-festa-de-santa-barbara-332042

Entre 1641 e 1898, a celebração de Santa Bárbara ocorreu na Cidade Baixa, reunindo comerciantes, trabalhadores e escravizados negros. Os comerciantes e mercadores organizavam-se para financiar o evento e garantir sua realização anual (Couto, 2010; Santos, 2019). A festividade foi também um espaço de expressão para o candomblé, com rituais dedicados a Iansã, orixá associado aos ventos e tempestades. Nesse contexto, os praticantes das religiões afro-brasileiras utilizavam as datas cristãs como estratégia para manter seus cultos, evitando a repressão das autoridades religiosas e civis. No entanto, apesar da aparente fusão entre catolicismo e candomblé, nem todas as correspondências entre santos e orixás são plenamente justificadas (Couto, 2012). A imagem da santa passou por diversas transferências ao longo dos anos, refletindo a característica do culto a Santa Bárbara como uma devoção que não se restringe a um templo específico. Desde 1912, suas celebrações foram realizadas em diferentes igrejas de Salvador, até serem definitivamente fixadas na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, de onde parte a procissão anual (Couto, 2010; Reis, 2023). Reconhecida como Patrimônio Imaterial da Bahia desde 2008, a Festa de Santa Bárbara

atrai milhares de participantes, que vestem vermelho e percorrem as ruas do Pelourinho. A celebração mescla religiosidade, manifestações artísticas, culturais e gastronômicas. Santa Bárbara é considerada madrinha do Corpo de Bombeiros por sua associação com coragem e proteção, além de padroeira dos mercados, em função de sua relação com a distribuição de alimentos (Maia & Chao, 2016).

A festa começa ao amanhecer, com uma queima de fogos. Na Igreja do Rosário dos Pretos, após a lavagem das escadarias, realiza-se uma missa campal. A liturgia incorpora elementos da cultura afro-brasileira, como músicas e ritos inspirados nos terreiros de candomblé. Ao final, uma procissão percorre as ruas do centro histórico, culminando no Mercado de Santa Bárbara, onde ocorre a distribuição de quentinhas de caruru pelas Yabás. Paralelamente às manifestações religiosas, acontecem apresentações culturais, incluindo rodas de samba e shows nas praças do Pelourinho (Maia & Chao, 2016). Os elementos visuais e simbólicos da festa possuem significados profundos. O vermelho das vestes representa luta, coragem e superação, alinhando-se tanto à representação de Santa Bárbara no catolicismo, quanto ao simbolismo de Iansã no candomblé. Além disso, nas cores litúrgicas do catolicismo, a cor vermelha representa o martírio de Cristo e dos Santos Mártires que deram suas vidas por amor a Ele. Também os alimentos como pão e uvas, acarajé e abarás coexistem nas celebrações religiosas e profanas, evidenciando o sincretismo presente na festividade. Assim, a Festa de Santa Bárbara é um espaço de encontro e reconhecimento coletivo, onde indivíduos compartilham experiências, crenças e tradições, reforçando laços sociais através da dança, da gastronomia e dos rituais (Maia & Chao, 2016; Santos, 2019; Azevedo, 2025).

A Celebração de Nossa Senhora da Conceição da Praia:A festa de Nossa Senhora da Conceição da Praia integra o culto mariano no catolicismo. O culto à Imaculada Conceição, a quarta festa em homenagem à Virgem Maria, foi instituído pelo Papa Pio IX em 1854, estabelecendo o dia oito de dezembro como data oficial de celebração. No entanto, já em 1640, duzentos e quatorze anos antes da oficialização, Dom João IV havia decretado o dia 1º de dezembro como data de culto à Imaculada Conceição e dedicou o Reino de Portugal à Santa, tornando obrigatório o festejo religioso no país e em suas colônias (Couto, 2010).



Figura 2. Imagem de Nossa Senhora da Conceição da Ptaia, sendo carregada pelos fiéis durante os festejos em Salvador/Bahia:https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2022/12/08/apos-2-anos-festa-de-nossa-senhora-da-conceicao-volta-a-ser-realizada-com-missa-campal-e-procissao-em-salvador.ghtml

A história da Conceição da Praia está intrinsecamente ligada à fundação de Salvador e à chegada dos jesuítas em 1549. Naquele ano, o então governador Tomé de Souza trouxe consigo uma imagem da Santa, por ser devoto da Virgem, ordenando a construção de uma igreja em sua homenagem. O templo foi edificado na região hoje conhecida como bairro do Comércio, à beira-mar, dando origem ao nome Conceição da Praia. A igreja foi erguida com materiais trazidos de Portugal e montada como um "jogo de Lego". No início do século XX, iniciou-se uma campanha para que a igreja fosse elevada à condição de Basílica, o que se concretizou em 1938. Atualmente, Nossa Senhora da Conceição da Praia é considerada padroeira da Bahia e sua festa é a segunda do ciclo de celebrações religiosas do verão. O evento conta com uma missa campal, procissão e festividades populares nas imediações do Mercado Modelo, também unindo o sagrado e o profano (Couto, 2010; Davel& Dantas, 2019).Reconhecida como uma das mais antigas celebrações religiosas do Brasil, essa festa ocorre desde 1550, um ano após a fundação de Salvador. Desde então, a festa tem sido realizada no mesmo local. Inicialmente as celebrações foram realizadas na capela original e, a partir de 1739, em frente à igreja que permanece até os dias atuais, após diversas reformas ao longo dos séculos (Davel& Dantas, 2019).

Festa de Santa Luzia: A Protetora da Visão: Santa Luzia, reconhecida como a protetora da visão, tem sua festa tradicionalmente celebrada no dia 13 de dezembro, na Igreja do Pilar e Santa Luzia, localizada no bairro do Comércio, em Salvador.



Figura 3. Participação de devotos na celebração de Santa Luzia: https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/12/13/galeria-confira-imagens-da-celebracao-de-santa-luzia-a-protetora-dos-olhos-em-salvador.ghtml

Embora a Igreja do Pilar tenha sido construída no século XVIII, não há registros exatos sobre quando as celebrações à santa começaram nesse espaço. Entretanto, documentos do jornal *A Tarde* indicam que o templo já sediava festividades em honra à Santa Luzia, pelo menos cinco anos após a data mencionada anteriormente (Reis, 2023). A devoção popular à Santa Luzia cresceu em razão de sua história de martírio, em que teve seus olhos arrancados por permanecer fiel à sua crença cristã. Essa forte ligação com a proteção da visão fez com que a fonte de água considerada milagrosa, situada nas proximidades da Igreja do Pilar, se tornasse o ponto central das festividades, sobrepondo-se até mesmo à Festa do Pilar. Com a relevância adquirida pela celebração de Santa Luzia, seu nome foi incorporado à denominação da igreja, que passou a ser chamada de Igreja do Pilar e Santa Luzia. A partir da década de 1940, a festa passou a integrar oficialmente o ciclo de festividades de verão da cidade (Reis, 2023). Com essa inclusão no calendário festivo, a celebração religiosa passou a atrair um grande número de devotos e também comerciantes. A multidão se reunia ao redor da fonte para coletar a água considerada sagrada, bem como nas escadarias do templo, iluminadas por velas e na sala reservada para agradecimentos, onde os devotos deixavam imagens, promessas e bilhetes relatando os milagres recebidos pela intercessão da santa (Reis, 2023). Além do culto católico, a festa de Santa Luzia também é um momento de celebração no candomblé, onde a santa é associada a Oxum em sua qualidade específica de Apará. Este aspecto de Oxum, de natureza guerreira, é representado pela junção das características de Iansã e da Dona das Águas Doces. Isso pode ser percebido nas cores usadas pelos fiéis durante as homenagens – o vermelho, associado tanto a Iansã quanto a Santa Luzia, e o amarelo, representando Oxum. Apesar de sua importância histórica e religiosa, a festa de Santa Luzia não possui a mesma projeção que outros festejos populares da cidade (Reis, 2023).

Festa de Bom Jesus dos Navegantes: Realizada no dia primeiro de janeiro, a Festa de Bom Jesus dos Navegantes é uma celebração tradicional que homenageia tanto Bom Jesus quanto Nossa Senhora da Boa Viagem. A origem da festividade remonta a 1750, quando capitães de embarcações iniciaram os primeiros rituais em devoção. O registro mais antigo da festa data de 1841, quando o jornal *Correio Mercantil* publicou uma nota convidando a população a participar dos festejos. A procissão marítima, que caracteriza o evento, simboliza um agradecimento pelo ano que se encerra e um pedido de bênçãos para o período que se inicia (Reis, 2023). Em 1890, a celebração contou com a utilização da galeota Imperial, embarcação que marcou a festa naquele ano. No entanto, um incidente envolvendo a Marinha resultou na perda do apoio estatal à Igreja. Tradicionalmente, os festejos começam no dia 27 de dezembro, com uma alvorada às 6h da manhã.



Figura 4.Translado da imagem do Senhor Bom Jesus dos Navegantesque, sendo conduzida em procissão marítima:https://g1.globo.com/ba/bahia/verao/noticia/2023/01/01/fieis-celebram-bom-jesus-dos-navegantes-e-de-nossa-senhora-da-boa-viagem-com-procissao-maritima.ghtml

O ponto alto da celebração acontece nos dias 31 de dezembro e 1º de janeiro, com a descida da Galeota ao mar e a missa na Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia. As festividades se encerram no dia cinco de janeiro, na Paróquia da Boa Viagem, com a reza do terço, a celebração da missa e a procissão terrestre, marcando o fim do ciclo religioso da festa (Reis, 2023).

Celebração da Folia de Reis:A Folia de Reis é uma celebração tradicional realizada ao longo de doze dias.



Figura 5. Festa de Reis em homenagem aos três Reis Magos: https://bahia.ba/salvador/lapinha-celebra-tradicional-festa-de-reis-a-partir-deste-sabado/

Trata-se de um evento que simboliza o tempo que os três Reis Magos levaram para chegar até o menino Jesus. Também conhecida como Festa da Epifania, essa festividade reconhecida pela Igreja Católica como a revelação de Jesus ao mundo, tem suas raízes na tradição europeia. O ápice da comemoração ocorre entre a noite de cinco de janeiro e o dia seis, data que representa a visita dos Reis Magos ao Menino Jesus, enviado de Deus, quando Lhe ofereceram ouro, incenso e mirra como presentes (Reis, 2023). Em Salvador, a Folia de Reis é celebrada na Paróquia da Lapinha, no bairro de mesmo nome, desde 1975.O formato atual do evento foi estabelecido em 1993, quando o Padre José Souza de Pinto unificou o cortejo dos ternos de reis com a celebração religiosa, criando o Terno da Anunciação, que dá início aos festejos. Grupos de ternos de reis vindos de diversas partes da cidade, acompanhados de danças, versos e encenações dos Reis Magos, enchem a festa de cor e movimento, tornando-a um dos eventos mais vibrantes do calendário católico local (Reis, 2023).

Festa de Senhor do Bonfim:A devoção ao Senhor do Bonfim remonta ao período colonial. A imagem, trazida de Portugal pelo capitão de Mar e Guerra Theodózio Rodrigues de Faria em 1745, foi inicialmente alocada na Igreja de Nossa Senhora da Penha, até a construção do templo definitivo na Colina Sagrada, em 1754. A partir desse momento, o local se consolidou como destino de romaria e se tornou um dos principais pontos turísticos e religiosos de Salvador (Santana, 2012). A festa em homenagem ao Senhor do Bonfim ocorre em data móvel, sempre após o segundo domingo da Epifania. Seu ponto alto é a tradicional Lavagem do Bonfim, rito que remonta ao século XVIII e que se originou da prática portuguesa de lavar igrejas como forma de pagamento de promessas. Em Salvador, nas primeiras décadas do século XIX, essa tarefa era realizada por senhoras que residiam próximas aos templos, sendo posteriormente assumida pelos escravizados, o que transformou a cerimônia em uma manifestação coletiva de fé e resistência (Davel& Dantas, 2019; Reis, 2023).



Figura 6. Festejos católicos em devoção ao Senhor do Bonfim, Salvador/Bahia:https://oquefazernabahia.com/2020/01/09/festa-do-senhor-do-bonfim-2020/

A crescente devoção ao Senhor do Bonfim impulsionou a necessidade de um templo maior, resultando na construção da Igreja do Bonfim. Edificada em local elevado, a igreja rapidamente se tornou um santuário de peregrinação, atraindo fiéis de diversas partes. No século XIX, a Lavagem do Bonfim consolidou-se como parte essencial das celebrações e adquiriu novas simbologias, sendo incorporada aos ritos afro-brasileiros. A introdução das "fitinhas do Bonfim", entre 1807 e 1809, marcou outra importante transformação, tornando-se um dos principais símbolos da Bahia e objeto de devoção popular (Santana, 2012). Com o passar do tempo, a celebração evoluiu e passou por disputas entre Igreja e Estado, que buscavam restringir sua dimensão popular. No entanto, a festa manteve sua essência e, ao longo do século XX, tornou-se um evento emblemático do sincretismo religioso baiano, associando os ritos católicos ao culto de Oxalá no candomblé. Nos anos 1970, a Câmara Municipal reconheceu o direito dos adeptos das religiões de matriz africana de realizarem suas celebrações, consolidando a Lavagem do Bonfim como um espaço de diversidade cultural e religiosa (Santana, 2012). A procissão, realizada na quinta-feira que antecede o dia da festa, tem início na Basílica de Nossa Senhora da Conceição da Praia, no bairro do Comércio, e segue até a Colina Sagrada, percorrendo aproximadamente oito quilômetros. Daí surgiu a expressão popular "Quem tem fé, vai a pé", refletindo a devoção daqueles que cumprem

promessas durante o longo trajeto. Enquanto a procissão avança, a Igreja do Bonfim permanece fechada, sendo reaberta apenas após a cerimônia (Reis, 2023). O cortejo, liderado por baianas trajadas de branco e portando jarros com água-de-cheiro, culmina na lavagem simbólica do adro e das escadarias da igreja. Esse ritual, de origem afro-brasileira, busca purificar o ambiente e eliminar energias negativas. A fusão entre o sagrado e o profano caracteriza a celebração. Pela manhã predomina o caráter religioso e, ao longo do dia, a festa se intensifica com manifestações culturais, música e dança. Nos anos 1990, os trios elétricos passaram a integrar o cortejo, conferindo um aspecto ainda mais festivo ao evento. A Lavagem do Bonfim sintetiza as ambiguidades da identidade cultural baiana, refletindo a confluência de diferentes tradições e crenças. A Irmandade responsável pela Igreja do Bonfim, criada desde sua inauguração, mantém viva essa tradição, assegurando a continuidade da maior e mais simbólica celebração popular da Bahia (Santana, 2012; Davel& Dantas, 2019).

Festa de São Lázaro: Encerrando o mês de janeiro, a Festa de São Lázaro ocorre no bairro da Federação, em Salvador e é marcada por forte sincretismo religioso. Segundo Ramos (2017), São Lázaro distingue-se dos demais santos por ser uma figura literária, mencionada por Jesus em uma parábola na Bíblia Sagrada. Os primeiros registros da existência da Igreja de São Lázaro datam de 1737, em resposta às necessidades espirituais de um grupo de doentes abandonados, quando ergueu-se uma capela que, posteriormente, tornou-se um santuário de oração. No entanto, o culto a São Lázaro foi formalmente registrado apenas em 1974, quando moradores da região organizaram uma missa e uma procissão com andores de São Lázaro e São Roque. O cortejo culminou em uma celebração com samba e capoeira à noite (Cadena, 2015; Reis, 2023). Embora a festa principal ocorra no último domingo de janeiro, a data mais destacada pela população e pela mídia local é 16 de agosto (Cadena, 2015).



Figura 7. Tradicional 'banho de pipoca", cujo objetivo é limpar e abrir caminhos: https://atarde.com.br/bahia/bahiasalvador/baianos-celebram-sao-roque-e-omolu-em-dia-comemorativo-1167948

Apesar de realizada em um espaço católico, a festa tem forte influência do candomblé, onde São Lázaro é associado ao orixá Omolu. Dessa forma, os devotos incorporam elementos como a distribuição de pipoca e mugunzá, reforçando a integração entre diferentes tradições religiosas (Ramos, 2017; Reis, 2023).

Festa de Iemanjá – A Deusa do Mar: Também considerada como 'dois de fevereiro', esta festa celebra Iemanjá, intitulada pelas religiões de matrizes africanas como a Rainha das águas salgadas ou Deusa do mar. O culto à orixá foi trazido ao Brasil pelos povos africanos e se perpetuou entre diferentes classes sociais. Em Salvador, o festejo teve início em 1923, quando pescadores do bairro do Rio Vermelho, enfrentando a escassez de peixes, passaram a oferecer presentes à orixá. Atualmente, com apoio da comunidade, a festa inicia-se na madrugada do dia dois de fevereiro e envolve músicas, danças, oferendas e rituais de fé. O ponto alto é a entrega de um balaio de presentes ao mar ao findar o dia (Reis, 2023). Diferente de outras festas de largo, a Festa de Iemanjá é a maior manifestaçãopública do candomblé fora dos terreiros. Ao longo dos anos, a festa passou por transformações, refletindo conflitos e conciliações entre a Igreja Católica e o candomblé. Em meio a isso, a celebração ocorre na praia, entre duas igrejas católicas do Largo do Rio Vermelho, sendo a Colônia de Pescadores Z-1 a principal entidade organizadora da festa.



Figura 8.Imagem de Iemanjá durante os festejos no Rio Vermelho, em Salavador/Bahia:https://bahia.ws/festa-iemanja-rio-vermelho-salvador/

No final da tarde, dezenas de barcos partem em procissão marítima para levar oferendas ao alto-mar. Enquanto isso, a festa profana segue nas barracas com música e dança até tarde da noite (Davel& Dantas, 2019).

Festa de Nossa Senhora da Conceição de Itapuã:A festa em homenagem a Nossa Senhora da Conceição de Itapuã é uma das últimas celebrações do calendário de festividades populares em Salvador. A devoção à santa, especialmente entre os pescadores da praia de Itapuã, tem registros que remontam à década de 1940. No entanto, há indícios ainda mais antigos sobre a Festa de Itapuã, como referências em jornais datadas de 1898 (Reis, 2023). Embora a liturgia católica dedique o dia 8 de dezembro à santa, a Lavagem de Itapuã adquiriu novas configurações ao longo do tempo, incorporando elementos como o Bando Anunciador e o ritual da Lavagem, que ocorrem em datas móveis no mês de fevereiro, precedendo o carnaval.



Figura 9. Lavagem de Itapuã, em Salvador/Bahia:https://g1.globo.com/ba/bahia/verao/2020/noticia/2020/02/12/tradicao-ha-115-anos-lavagem-de-itapua-e-realizada-na-quinta-feira-em-salvador-veja-programacao.ghtml

A partir da década de 1970, a celebração ganhou ainda mais relevância ao ser oficialmente integrada ao calendário de festas do verão baiano. Esse reconhecimento trouxe maior visibilidade ao evento e contribuiu para o surgimento de novos ritos, incluindo

procissões, a tradicional lavagem das escadarias da igreja,apresentações de grupos culturais etrios elétricos, além das missas e novenas que mantêm a essência religiosa da festividade (Reis, 2023).

O CARNAVAL DE SALVADOR: ORIGENS, TRANSFORMAÇÕES E IMPACTOS CULTURAIS

Diversos pesquisadores e intelectuais têm se dedicado ao estudo do Carnaval de Salvador, entre eles os integrantes do projeto Memórias do Reinado de Momo, uma iniciativa voltada à valorização e preservação da memória dessa manifestação cultural de grande relevância.



Figura 10. Bloco Afro Olodum durante o Carnaval em Salvador/Bahia: https://atarde.com.br/carnaval/olodum-anuncia-desfile-sem-cordas-e-abadas-no-carnaval-2024-1249677

A coordenadora do projeto, Carol Fantinel, destaca que, embora o Carnaval soteropolitano seja amplamente reconhecido internacionalmente - notadamente pela força simbólica dos trios elétricos, pela expressividade estética dos blocos afros e pela grandiosidade do evento como um todo - há uma diversidade de outros sujeitos, grupos e agremiações que também compõem a trajetória histórica dessa festividade. Muitos desses personagens festivos tiveram suas presenças e contribuições silenciadas ao longo do tempo, embora tenham sido fundamentais para a construção daquilo que hoje se configura como uma das maiores festas populares de rua do mundo. O projeto, portanto, busca resgatar essas memórias marginalizadas e conferir visibilidade aos protagonistas esquecidos, reafirmando seu papel na formação da identidade cultural baiana (Memórias de Momo, 2020).

Nesse mesmo sentido, o pesquisador Paulo Miguez, idealizador do projeto, ressalta que o desenvolvimento e a compreensão do Carnaval de Salvador demandam um olhar atento às suas dimensões históricas e memoriais. Para ele, reconstruir essa memória por meio de registros documentais e imagéticos é, de maneira incisiva, reconstruir a própria história da cidade, uma vez que é impossível compreender a Bahia sem compreender o seu Carnaval. Miguez sustenta que os diversos agentes culturais envolvidos na festa possuem um papel fenomenal na configuração simbólica da cidade. Em sua análise, dois elementos culturais são fundamentais para a definição da identidade baiana: o candomblé e o carnaval - expressões que informam, estruturam e traduzem a essência sociocultural da capital baiana de maneira singular e inigualável (Memórias de Momo, 2020).

Segundo o pesquisador Fábio Baldaia, integrante do projeto Memórias do Reinado de Momo, o Carnaval de Salvador deve ser compreendido também no contexto mais amplo da construção da nacionalidade e da formação do Estado-nação brasileiro. Nesse processo, diversas dimensões sociais, políticas e culturais se entrelaçam na tentativa de moldar uma identidade nacional que se pretendia moderna. A cultura popular, nesse cenário, foi atravessada por discursos, narrativas e representações que buscavam delimitar o que seria aceitável dentro dos parâmetros da modernidade e do progresso. No caso específico do carnaval soteropolitano, Baldaia destaca que houve um esforço por parte das elites e do poder público em “higienizar” o espaço urbano e reconfigurar as festas de rua, associadas à herança colonial e às expressões culturais de matriz africana, indígena e lusitana, como algo retrógrado ou indesejado. Dentro dessa lógica, buscou-se eliminar práticas consideradas "desordeiras", a fim de instituir um modelo de festividade mais disciplinado e compatível com os ideais de civilidade e ordem. Um exemplo emblemático desse processo foi a tentativa de substituição do entrudo por formas mais organizadas de celebração carnavalesca (Memórias de Momo, 2020).

O professor e pesquisador da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Milton Moura, contribui com essa análise ao descrever o entrudo como um conjunto de brincadeiras marcadas pela espontaneidade e pelo caráter subversivo da interação corporal. Tais práticas envolviam melações, molhações e o toque irreverente entre os foliões, frequentemente associados à desordem urbana. O entrudo não possuía a estrutura formal dos blocos carnavalescos contemporâneos; era composto por pequenos grupos que percorriam as ruas promovendo situações de confronto simbólico e desestabilização da ordem social estabelecida. Diante disso, as autoridades passaram a intervir com o intuito de substituir essas expressões espontâneas por formas mais controladas e institucionalizadas de festividade, o que culminou no processo de conformação do carnaval tal como é conhecido hoje (Memórias de Momo, 2020).

A verdade é que o Carnaval de Salvador passou por diversas transformações. Originalmente trazido da Europa no período colonial, o entrudo, como assim era denominado o Carnaval na época, foi incorporado às festividades brasileiras e, em Salvador, a maioria negra da população deixou sua marca, introduzindo ritmos e práticas culturais afrodescendentes. Nos séculos XVIII e XIX, muitas tentativas de repressão municipal visavam limitar essas manifestações. Contudo, a resistência da cultura afro-brasileira garantiu sua permanência e protagonismo na festa, refletindo-se na consolidação de blocos afro e afoxés, bem como na presença marcante de artistas negros na música carnavalesca (Davel; Dantas, 2019).

Pesquisadores como Cabral, Krane& Dantas (2013) identificam quatro grandes mudanças que moldaram o evento entre a década de 1950 e os anos 2000, com um ponto de inflexão na década de 1980:

- **Primeiro momento** - Ocorreu em 1950, com a criação do trio elétrico por Adolfo Nascimento (Dodô) e Osmar Macedo (Osmar), redefinindo a dinâmica da festa ao substituir os bailes fechados por um evento essencialmente de rua.
- **Segundo momento** – Ocorreu na década de 1970, com a "reafricanização" do Carnaval, impulsionada pelos blocos afro e pelo crescente reconhecimento dos afoxés. O Ilê Aiyê, fundado nesse período, simbolizou a afirmação da identidade negra baiana. Com grandes baterias percussivas e uma estética inspirada em matrizes africanas, esses blocos atraíram tanto a população negra local, quanto turistas, impactando a festa.
- **Terceiro momento** – Foi na década de 1980, com a ascensão dos blocos de trio, através das possibilidades potenciais observadas pelo idealizador do Trio Elétrico Tapajós, que passaram a dominar a cena carnavalesca dos blocos independentes, muitas vezes desvinculados da tradição afro-baiana. Paralelamente, a transformação do Carnaval em um atrativo turístico ganhou força, com o apoio das elites locais adeptas à festa. Nessa década, como destacado por Farias (2011), Salvador passou por uma reconfiguração urbana voltada para o turismo, através de planejamentos políticos, consolidando o evento como um festival de massas. A partir

desse ponto, começa a surgir uma economia lúdica típica da Bahia, com diversos agentes e elementos culturais de lazer da afro-baianidade.

- **Quarto momento** - A quarta transformação está associada à proliferação dos camarotes privados nos circuitos da festa, a partir dos anos 1990, reforçando a centralidade dos artistas sobre os trios elétricos. São ambientes que se tornaram interessantes para o comércio devido à variedade de serviços oferecidos, atraindo um novo público que busca status social e visibilidade de palco. Apesar disso, o Carnaval de rua manteve seu magnetismo e a cultura afro-baiana seguiu sendo um dos pilares da celebração. Nessa época, o Carnaval baiano se consolidou como um celeiro de artistas, tornando-se um dos principais motores do mercado musical brasileiro, com suas produções.

Atualmente, o Carnaval de Salvador continua sendo um dos maiores e mais influentes do mundo, atraindo multidões e movimentando a economia através de uma indústria cultural potencializada. A festa tornou-se um dos principais produtos turísticos da Bahia, diferenciando-se do Carnaval do Rio de Janeiro por enfatizar a participação ativa do público e não apenas o carnaval-espetáculo. Nesse sentido, a criação de camarotes, a evolução dos trios elétricos e o surgimento dos blocos comerciais foram fundamentais para a organização do Carnaval, atraindo grandes públicos e garantindo uma gestão eficiente, lucrativa e melhor administrada (Farias, 2011; Davel& Dantas, 2019).



Figura 11. Reprodução parcial do poster do filme 'Canto do povo de um lugar', com imagens de cantores do gênero musical baiano "Axé Music" – figuras marcantes, ilustres e revolucionárias no contexto cultural do carnaval baiano, no cenário nacioanl e internacional: https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2025/01/03/nos-40-anos-da-axe-music-eis-40-musicas-que-atestam-a-grandeza-do-cancioneiro-do-genero-afro-pop-baiano.ghtml

Sob a óptica da professora e pesquisadora da UFBA, Wlamyra Albuquerque, o Carnaval configura-se como uma poderosa forma de expressão da juventude periférica, que por meio da festa reafirma sua presença e resistência diante das estruturas de poder. Trata-se de um gesto simbólico e político que comunica ao Estado e à sociedade: *"*não vamos desistir; continuaremos aqui, ultrapassando todas as fronteiras, como sempre fizemos*"*. Essa manifestação cultural transcende o entretenimento, assumindo o papel de instrumento de afirmação identitária e de contestação social (Memórias de Momo, 2020). Nesse contexto, o Carnaval torna-se a expressão máxima da resistência cultural afro-brasileira, evidenciando a centralidade do patrimônio simbólico de matriz africana nos processos de reterritorialização e ressocialização de sujeitos historicamente marginalizados. A valorização e a defesa dos elementos culturais herdados dos povos africanos - em especial nas dimensões simbólica, estética e ritualística - constituíram estratégias eficazes de sobrevivência, fortalecendo os laços comunitários e assegurando a continuidade de práticas culturais ancestrais em meio às adversidades.

De acordo com Fantinel (2019), esse processo resultou na consolidação de uma festividade genuinamente brasileira, dotada de uma personalidade cultural vigorosa e inconfundível. Salvador, enquanto epicentro desse movimento, abriga em suas festas - sobretudo no Carnaval - o legado ancestral de resistência e criação simbólica, sintetizando em sua conformação festiva toda a complexidade histórica, social e cultural da baianidade. Diante disso, observa-se que o impacto do Carnaval de Salvador transcende a dimensão econômica. A festa é um espaço de celebração, resistência e afirmação cultural, refletindo as dinâmicas históricas e sociais que moldam a identidade baiana. Entre as inovações comerciais e a manutenção das tradições, o evento reafirma sua importância na construção de uma experiência carnavalesca singular, que une ancestralidade, modernidade e participação coletiva.

BAIANIDADE: IDENTIDADE CULTURAL NO RECÔNCAVO BAIANO

O Recôncavo Baiano, que engloba a Região Metropolitana de Salvador e circunda a Baía de Todos os Santos, é uma região de grande fertilidade e riqueza histórico-cultural. Nesse contexto, a baianidade emerge como um traço marcante da identidade local.

Esse termo é amplamente utilizado para descrever o "modus vivendi" dos baianos, sobretudo daqueles nascidos em Salvador e no Recôncavo. A ideia de baianidade é sustentada por uma representação da Bahia como um território de felicidade, celebração, sol constante, praias, carnaval, axé music e convivência harmônica entre diferentes tradições culturais, raciais e religiosas. Os elementos da baianidade estão ligados às festas tradicionais e às dinâmicas entre religiões presentes em Salvador e no Recôncavo, especialmente nas interações entre a Igreja Católica e o Candomblé, que ganham destaque durante as celebrações populares (Sá, 2007; Fantinel, 2019). Assim, a construção simbólica da chamada baianidade foi, em grande medida, impulsionada por um conjunto de imagens recorrentes associadas à Bahia de Todos os Santos, como a mestiçagem cultural, a alegria contagiante, a religiosidade de matriz africana, o mistério, o exotismo e a sensualidade.Essas representações ganharam força e visibilidade especialmente por meio da obra literária de Jorge Amado, cuja produção exerceu papel central na difusão de um imaginário específico sobre a cidade de Salvador. No entanto, a representação da Bahia enquanto território culturalmente singular não se deu apenas pela literatura, mas por meio de uma confluência de expressões artísticas que, ao longo do tempo, reforçaram e expandiram o imaginário construído em torno da baianidade.



Figura 12. Escritor Jorge Amado e o compositor Dorival Caymmi:http://revistamarina.com.br/index.php/2016/03/a-carta-de-dorival-caymmi-para-jorge.html

A obra de Jorge Amado, nesse processo, encontrou eco e continuidade em outras linguagens, como na música de Dorival Caymmi, que soube traduzir em canções a atmosfera afetiva,

simbólica e cotidiana do povo baiano. Essa estética identitária também se manifesta na irreverência dos artistas tropicalistas, nas cores e nos traços marcantes da pintura de Carybé e nas imagens emblemáticas captadas pelas lentes do fotógrafo e etnólogo Pierre Verger. Juntos, esses artistas e intelectuais estabeleceram uma ponte entre o real e o imaginário, contribuindo para consolidar um repertório simbólico que transcende fronteiras geográficas e temporais. Como observa Vasconcelos (2008), essa rede de produções culturais e artísticas desempenhou um papel fundamental na projeção da Bahia como um território de forte identidade e riqueza simbólica, amplamente reconhecido no cenário nacional e internacional. Como um conceito inserido na construção de tradições e discursos identitários, a baianidade não apenas sintetiza a imagem da Bahia e de seu povo, mas também reflete a modernização da região, particularmente a industrialização ocorrida ao longo do século XX (Nova & Fernandes, 2024). Na primeira metade do século XX, a representação da baianidade nas obras de Jorge Amado e nas músicas de Dorival Caymmi retratava uma Bahia bucólica e praieira, associada à preguiça e à malemolência. Contudo, esse perfil passou a ser visto como incompatível com as demandas da industrialização e foi, aos poucos, substituído por uma identidade mais urbana e condizente com o dinamismo da sociedade contemporânea (Nova & Fernandes, 2024).

O avanço do processo urbano-industrial na segunda metade do século XX ressignificou a baianidade, reforçando a tradição de hospitalidade de Salvador e valorizando suas raízes histórico-culturais e afrodescendentes. Essa transformação consolidou-se como estratégia de desenvolvimento econômico, especialmente a partir da década de 1990, quando o governo estadual integrou o turismo ao planejamento estratégico, reconhecendo sua importância no contexto sociocultural (Nova & Fernandes, 2024). A partir de então, a cultura da região e a imagem que foi criada em torno da Bahia - conhecida como "baianidade" - passaram a ser elementos importantes para impulsionar a economia local, principalmente através do fortalecimento do turismo (Fantinel, 2019). Assim, a baianidade está ancorada em um repertório simbólico que sustenta práticas discursivas e se manifesta em diferentes formas, tais como referência estética que orienta o consumo, como uma suposta essência da identidade baiana, como mito fundador da singularidade cultural do estado e até mesmo como um *ethos*político refletido na figura de seus governantes. Essa identidade é amplamente reforçada por textos que a constroem e perpetuam, como as obras de Jorge Amado. Há também, os chamados "guias de baianidade" que são livros publicados desde a década de 1940 que, de forma literalizada, funcionam como guias turísticos e foram responsáveis por propagar o discurso da baianidade para além das fronteiras do estado. Ainda que essa retórica tenha origem em tempos remotos, ela permanece vigente, moldando a percepção sobre a identidade baiana até os dias atuais (Sá, 2007). Albergaria (2001) sintetiza essa questão ao afirmar que "somos baianos quando nos convém" e que, em outras situações, podemos ser identificados por outros pertencimentos, como gênero, cultura ocidental ou identidade ecológica. Para o autor, a identidade baiana é parcial e se constrói de forma externa e hierárquica. No atual contexto da hipermídia e da indústria cultural, ela se tornou uma construção conveniente. Conforme descreve Nova & Fernandes (2024), o projeto identitário se concretiza no turismo, apresentado como "indústria sem chaminé" e principal motor econômico do estado. Nesse contexto, coexistem elementos do bucolismo e da hospitalidade praieira com a intensificação da vida urbana e suas manifestações espetaculares, como o Carnaval e os megasshows cada vez mais versáteis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este estudo, ressoa em mente o eco da célebre pergunta: *"O que é que a Bahia tem? Tem festas como ninguém."*[1]Essa breve, mas potente evocação da identidade baiana traduz em versos o que se desenvolveu ao longo desta pesquisa. A riqueza cultural da Bahia, expressa em suas festas populares no entrelaçamento do sagrado e do profano, bem como na forte relação entre cultura e turismo, demonstra a vitalidade de suas tradições e a dinamicidade de sua identidade cultural. O ciclo das festas de verão, com as Festas do Largo, revela-se como um momento singular de celebração e manifestação da baianidade, fortalecendo laços comunitários e promovendo um turismo cultural que valoriza o patrimônio imaterial do estado. Parte desse patrimônio, a história de Salvador é marcada por sucessivas transformações e resiliências. Mesmo ao perder o status de capital do país, a cidade manteve-se como um dos centros mais relevantes do Brasil, não apenas pelo seu valor histórico, mas pela sua arte, cultura e, sobretudo, pelo espírito vibrante de seu povo, principal protagonista dessa fascinante história. Assim, a baianidade manifesta-se em um acolhimento singular, em um jeito próprio de existir que resiste às adversidades e reconstitui os espaços urbanos, transformando desafios em expressões artísticas e culturais que cativam visitantes e enriquecem a experiência daqueles que nela vivem. A exemplo disso, o Pelourinho, abordado ao longo deste estudo, evidencia a força da revitalização cultural e das boas práticas de gestão patrimonial. Outrora um símbolo da opressão durante os séculos XVI a XIX, e posteriormente um espaço marginalizado até o final dos anos 1980, o local hoje se ergue como Patrimônio Mundial da Humanidade e um dos principais patrimônios culturais e turísticos da Bahia. Com sua requalificação a partir da década de 1990, o Pelourinho tornou-se um epicentro da arte, gastronomia, história e religiosidade. Essa transformação não apenas redefiniu o local, mas também ilustra como políticas públicas eficazes podem alterar os rumos de uma sociedade, criando oportunidades para a expressão cultural e gerando impactos econômicos positivos ao atrair turistas e investidores.

Nesse contexto, os pesquisadores desempenham um papel essencial na preservação e difusão da cultura baiana. Suas atuações vão além do incentivo à pesquisa e à educação patrimonial. Através de iniciativas concretas, esses atores promovem o engajamento da comunidade acadêmica e externa na valorização das tradições locais. As iniciativas em desenvolver diversos projetos culturais como - "Memórias do Reinado de Momo" - são exemplos do compromisso intelectual com a identidade cultural baiana. Ademais, a colaboração em transformar espaços físicos e digitais em centros de exposição, informação e estudos culturais - tais como a UFBA, Fundação Casa de Jorge Amado, Casa do Benin e Instituto Histórico, dentre outros - reforça a dimensão social e educativa da cultura, ampliando o acesso da população às manifestações artísticas. Em uma análise mais ampla deste estudo, observa-se que a arte, a cultura, o talento e a criatividade têm o poder de transformar vidas e redefinir o curso da história de um povo. Quando há reconhecimento e valorização dessas riquezas, seja por meio de políticas públicas, seja pelo próprio engajamento da sociedade, os impactos se estendem além da esfera cultural, alcançando também o desenvolvimento econômico e social. No caso de Salvador, o turismo, impulsionado por suas expressões culturais autênticas e pela hospitalidade do povo baiano, demonstra a relevância desse investimento. Nesse contexto histíorico, os reais atores que contribuem para essa dinamização cultural adquirem um diferencial que reside na atuação educativa e contínua ao longo do ano, e não apenas durante as celebrações das Festas do Largo, que são realizadas por diversos interesses que se misturam e se multiplicam a cada ano - entre o sagrado e o profano, entre a cultura e o turismo. Observa-se através deste estudo, que o compromisso desses atores, isto é – o povo do dia a dia baiano e pesquisadores que preservam e incentivam a cultura local - transcende a sazonalidade desses festejos e se consolida como um elo fundamental na perpetuação e renovação da cultura baiana. Dessa forma, ao compreender a importância de preservar e fomentar a cultura popular, reafirma-se não apenas o legado histórico da Bahia, mas também a necessidade de continuar construindo caminhos para que essas tradições não apenas resistam ao tempo, mas inspirem novas gerações a dar continuidade a esse

[1] A citação inicial faz referência à canção "O que é que a baiana tem?", composta por Dorival Caymmi em 1939. Na letra original, o questionamento se refere à figura da baiana, ícone cultural marcado por vestimentas tradicionais e simbologias religiosas. Entretanto, neste contexto, a expressão foi adaptada para "O que é que a Bahia tem?" como uma licença poética, evocando a riqueza cultural do estado e sua atmosfera festiva, sem comprometer a essência da obra de Caymmi.

mosaico cultural tão singular. A pesquisa, assim, não se encerra aqui; ao contrário, segue como um convite à reflexão e à ação, pois a cultura está em constante movimento, aguardando novos olhares, novas interpretações e novas formas de expressão...

REFERÊNCIAS

Albergaria, R. (2001). Bahia, Bahia, que lugar é este?. Disponível em: http://www.sbpccultural.ufba.br/identid/index.html. Acesso em 12 de dezembro de 2024.

Almeida Filho, A. B. &Davel, E. P. B. (2024). Governança de festas populares: desafios, potencialidades e práticas. *Resgate - Rev. Interdiscip. Cult*., Campinas, v. 32, p. 1-34.

Azevedo, J. As cores na liturgia. Educação Claretiana. Disponível em: https://claretiano.edu.br/curitiba/blog/mcc/as-cores-na-liturgia#:~:text=O%20vermelho%20significa%20o%20mart%C3%ADrio,utilizada%20no%20per%C3%ADodo%20da%20quaresma. Acesso em 18 de janeiro de 2025.

Cabral, S., Krane E. D. & Dantas, F. (2013). A dança dos blocos, empresários, políticos e técnicos: condicionantes da dinâmica de colaboração interorganizacional do carnaval de Salvador. O&S – Ufba, Salvador, v.20, n. 64, p. 145-163.

Cadena, N. V. (2015). Festas populares da Bahia:fé e folia. Salvador: Edição do Autor.

Couto, E. S. (2010). Tempo de festas:homenagens a Santa Bárbara, Nossa Senhora da Conceição e Sant´Anna em Salvador (1860-1940). Salvador: Edufba.

Couto, E. S. (2012). Bárbara e Iansã, as donas dos mercados de Salvador. *In*: Rubim, L. & Miranda, N. (Orgs.). Estudos da festa. Salvador: EDUFBA, p. 111-131.

Davel, E. & Dantas, M. (2019). Festas Populares na Bahia: gestão e dinâmica identitária. pragMATIZES - Revista Latino Americana de Estudos em Cultura, ano 9, n. 17, p. 203-224.

Fantinel, C. (2019). Patrimônio festivo: uma análise dos carnavais de Barranquilla (COL) e Salvador (BRA) sob a perspectiva do patrimônio cultural imaterial. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidades), UFBA – Universidade Federal da Bahia, 327*fl*.

Farias, E. S. (2011). Ócio e negócio:festas populares e entretenimento-turismo no Brasil. Curitiba:Appris, 413p.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Salvador (BA). Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/241/. Acesso em 22 de janeiro de 2025.

Maia, J. L. A. & Chao A. R. T. (2016). Madureira e Pelourinho: consumo e representação de comidas típicas em festas populares. Comun. Mídia Consumo, São Paulo, v. 13, n. 36, p. 150-167.

Memórias de Momo. (2020). Os primeiros carnavais de Salvador. Disponível em: https://youtu.be/Jny28-lfk5A?=lbm1SN5S9pv4Wmsp. Acesso em 14 de julho de 2025.

Miguez, P. (2012). A festa:inflexões e desafios contemporâneos. *In*: Rubim, L. & Miranda, N. (Orgs.). Estudos da festa. Salvador: EDUFBA, p. 205-216.

Nova, L. & Fernandes T. Baianidade. Disponível em: http://www.cult.ufba.br/ mais definicoes/BAIANIDADE.pdf. Acesso em 12 de dezembro de 2024.

Ramos, C. P. C. (2017). Festa de verão em Salvador: um estudo antropológico a partir do acervo documental do jornal A Tarde. Tese (Doutorado em Antropologia). Filosofia e Ciências Humanas, UFBA - Universidade Federal da Bahia, Salvador. 363*fl*.

Reis, E. S. (2023). Festas de verão em Salvador: reflexões sobre a atuação dos órgãos oficiais de turismo e cultura no contexto da covid-19. (Monografia). UNEB – Universidade do Estado da Bahia, Salvador/BA, 127*fl*.

Sá, N. S. C. (2007). Cultura e turismo na contemporaneidade: as festas populares religiosas baianas. (Mestrado em Análise Regional). UNIFACS – Universidade de Salvador, 213*fl*.

Santana, M. C. (2012). É dia de festa na Bahia: homenagens, ritos e construção da devoção do Senhor do Bonfim. *In*: RUBIM, Linda; MIRANDA, Nadja (Orgs.). *Estudos da festa*. Salvador: EDUFBA, p. 133-161.

Santos, V. J. R. (2019). O acará de Iansã na festa de Santa Bárbara:breves considerações sobre as comidas de uma festa religiosa popular em Salvador. *Revista Ingesta*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 26-37.

Serpa, A. (2004) Experiência e vivência, percepção e cultura: uma abordagem dialética das manifestações culturais em bairros populares de Salvador-Bahia. *R. RA´E GA*, Curitiba, v. 1, n. 8, p. 19-32.

Souza, S. A. N. *et al*. (2022). Festas populares da Bahia: corpo, cultura festa e contexto pandêmico. Revista Humanidades e Inovação, Palmas/TO, v.9, n.24, p. 150-159.

Vasconcelos, C. P. Ser-tão baiano: a baianidade e a sertanidade no jogo identitário da cultura baiana. IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador/Bahia, 28 a 30 de maio de 2008.

Verger, P. F. (1999). Notícias da Bahia – 1860. 2. ed. Salvador: Corrupio.

****